

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA

PRIMEIRA PARTE. UNIDADE 1: A TRADIÇÃO FILOSÓFICA E OS DIFERENTES MODOS DE CONCEBER A FILOSOFIA

IRLEY F. FRANCO E DANILO MARCONDES



Um Filósofo. Jean Honoré Fragonard (1732-1806).

A pergunta “O que é filosofia?” admite várias respostas, conforme a consideramos de um ponto de vista histórico, isto é, desde o seu surgimento, ou de um ponto de vista temático, dependendo dos vários filósofos que desenvolveram suas próprias concepções do trabalho filosófico e escreveram sobre os mais variados temas, utilizando, além disso, os mais diferentes estilos literários, desde poemas (tal como fizeram os pré-socráticos), até os diálogos (expressão literária escolhida por Platão), cartas, tratados (como o da maior parte dos filósofos) e aforismos (como, por exemplo, os de Nietzsche).

Isso mostra que durante toda a tradição filosófica encontram-se várias possibilidades de tratar de certas questões consideradas pela filosofia como sendo fundamentais.

Destacamos aqui, com propósito meramente didático, cinco visões gerais do que é filosofia.

1. Filosofia como sabedoria de vida.
2. Filosofia como visão de mundo.
3. Filosofia como atitude crítica e questionadora.
4. Filosofia como sistema de pensamento.
5. Filosofia como busca pelo autoconhecimento.

Tais visões não se excluem mutuamente, embora apresentem perspectivas diferentes ao longo da tradição filosófica. Ao contrário, no mais das vezes, essas visões se complementam, se implicam.

Quando tentamos além disso exemplificá-las através de filósofos, damos-nos conta de que a filosofia da maioria dos filósofos partilha de duas ou mais visões simultaneamente, dependendo do aspecto que privilegiamos no estudo de sua obra. Assim por exemplo, podemos dizer com um bom grau de segurança que Platão pode ser incluído em (1), (3) e (5); Aristóteles em (1), (3), (4) e (5), e assim por diante.

No que se segue, vamos tentar explicar mais detalhadamente o que caracteriza cada uma dessas visões, procurando sempre que possível fornecer exemplos que possam esclarecer melhor o seu sentido.

1. A FILOSOFIA COMO SABEDORIA DE VIDA

A filosofia como sabedoria de vida corresponde a uma visão da filosofia prática, isto é, uma reflexão voltada para as condições e os critérios segundo os quais tomamos decisões em nossa vida concreta, no que nos baseamos para isso e como visamos sempre o melhor resultado, embora nem sempre consigamos antecipar como consegui-lo. Segundo essa concepção, a filosofia é importante enquanto pode contribuir para nossa vida prática e não enquanto discussão teórica de problemas abstratos. Essa sabedoria de vida freqüentemente é vista como resultando de nossa experiência, de uma atitude mais reflexiva, que não se deixa perturbar por

questões ou controvérsias menos importantes. De acordo ainda com essa concepção, a moral é a área central da filosofia.

Exemplos dessa concepção podem ser encontrados em todos os filósofos que se preocuparam com as ações morais como sendo resultantes, não de um cultivo pessoal qualquer, não do acúmulo de experiências de vida quaisquer, mas de reflexões sobre os princípios morais que determinam nossas ações.

Sobre o sentido de sabedoria implicado nessa visão filosófica, é preciso observar o seguinte: trata-se aí de uma sabedoria que depende do tempo e da experiência, entendendo-se com isso que é adquirida, conquistada, mas que não é nata como a inteligência e a memória, por exemplo. Envelhecer, contudo, não basta para tornar alguém sábio. Envelhecer traz com certeza rugas; a sabedoria, ao contrário, não surge naturalmente com a idade; ela precisa ser cultivada. A sabedoria não se cultiva por um conjunto de conhecimentos acumulados (tais como o saber fazer bolo, sapatos, ou o saber dirigir um carro, e falar diversas línguas), por isso nada tem a ver com a ciência, no sentido em que entendemos hoje a palavra ciência. Um médico, por exemplo, pelo fato de conhecer técnicas que o autorizam a operar corpos na tentativa de curá-los, não é necessariamente sábio. A sabedoria aqui em questão não é resultante do aprendizado de uma técnica, mas do aprendizado de reflexões e experiências que nos levem a pensar e agir o mais acertadamente possível na vida.

Dentre os antigos, Sócrates, Platão, Aristóteles e os filósofos helenistas de um modo geral, estão certamente aí incluídos, pois todos eles dedicaram algum aspecto de sua filosofia à “filosofia do bem-viver”, cujo principal objetivo é adquirir uma sabedoria que conduza os homens à felicidade. As respostas aqui são muito variadas, mas a pergunta “Como devemos viver, de modo a vivermos bem?” é essencial e comum a todas elas. É para ela que convergem todas as questões acerca do sentido das virtudes —“quais são?”; “o que são?” “como obtê-las?”; “por que e para que obtê-las?”; “quem as possui?”; *etc.*— e também acerca das não-virtudes. Para alguns, como é o caso de Sócrates, a vida virtuosa é a vida mais sábia; para Platão, no diálogo *Filebo*, a boa vida deve misturar e equilibrar sabedoria e prazer; para outros, como é o caso dos filósofos hedonistas, é uma vida puramente de prazer que irá conduzir o homem à felicidade, para outros

ainda, como é o caso dos estóicos e dos epicuristas, a melhor vida é a da neutralidade, pois o verdadeiro prazer só pode ser obtido eliminando-se ao máximo a possibilidade da dor.

A filosofia como sabedoria vai variar de acordo com o que os homens consideram que seja o mais alto valor da vida. A sabedoria humana nesse tipo de concepção está sempre a serviço do bem viver. Ela deve dirigir as ações humanas visando a conquista do objetivo mais alto do bem viver: a felicidade humana. O problema aqui é saber em que consiste a felicidade, que bens devemos eleger como sendo os que conduzem a ela, pois seu significado varia dependendo da época e do contexto.

A palavra grega que traduzimos por “felicidade”, por exemplo, é *eudaimonia*, uma palavra cuja etimologia mostra que seu sentido nada tem a ver com o nosso sentido de felicidade. *Eudaimonia* significa prosperidade, boa fortuna, bom destino. O homem feliz (*eudaimon*) é aquele cujo destino é afortunado, seja porque possui qualidades que lhe foram dadas por uma divindade (*daimon*) e que por essa razão conduz a vida sempre em direção ao melhor, seja porque, como querem os filósofos, adquiriu esses dons ao longo da vida. A palavra não se refere, como a nossa “felicidade”, a um estado de espírito, relativo à alegria ou ao prazer e dificilmente se refere a algo subjetivo e momentâneo.

Algumas noções filosóficas de felicidade podem ser bastante complexas, como a de Aristóteles, na *Ética Nicomaquéia*, ou a de Nietzsche, em *Assim falou Zaratustra*. Mas a essas noções voltaremos mais adiante, no módulo de Ética e Política. Por enquanto ficamos com o básico.

Foi uma concepção de filosofia como sabedoria que levou Platão a acreditar, em determinado momento de sua vida, que a filosofia fosse o único caminho para a realização da justiça. Em *A República*, ele expõe seus ideais políticos, os quais, a convite de seu amigo Dion, cunhado de Dioniso II, rei de Siracusa, tentará mais tarde, embora sem sucesso, pôr em prática. Sua tese central —recorrentemente criticada por toda a tradição filosófica— é a de que a cidade justa deve ter como governante o filósofo, porque somente a filosofia pode capacitar o homem a discernir o que é a justiça e, a partir desse discernimento, construir uma cidade.

No livro IV de *A República* (427d-434d), Platão faz um paralelo entre o Estado e os indivíduos que o compõem, a fim de demonstrar que as qualidades de uma comunidade são as mesmas que se encontram nos indivíduos. Indivíduos justos, isto é, que têm as três partes de sua alma em equilíbrio e sob as rédeas da razão, constroem cidades justas; se a cidade é composta por almas desequilibradas, a cidade será igualmente desequilibrada e injusta.

Das almas dos indivíduos, portanto, e tudo o que se relaciona a elas depende a cidade justa. E o caráter do filósofo é construído a partir da constatação da injustiça, ele mesmo Platão tendo experimentado essa injustiça com a condenação de Sócrates à morte. É portanto a partir de um *pathos*, e não de uma intuição ou de uma racionalização que Platão concebe seu desejo de ver a cidade governada pelo filósofo.

No texto abaixo, a visão que Platão tem de si mesmo quando, por volta dos setenta anos de idade, fazendo uma retrospectiva de sua vida, conta o que o levou à filosofia, em carta dirigida aos "Amigos e Associados de Dion.

O DEPOIMENTO AUTOBIOGRÁFICO DE PLATÃO NA *CARTA VII* 324B-326B

"Quando eu era jovem experimentava o mesmo sentimento que tantos outros jovens. Eu imaginava que, tão logo me tornasse dono de mim mesmo, imediatamente passaria a me ocupar dos afazeres da cidade. Mas eis em que situação encontrei os afazeres da cidade."

"Como a então constituição (politeia) era odiada por muitos, houve uma revolução e os cinquenta-e-um cidadãos que a lideraram ficaram com o poder em suas mãos: onze ficaram encarregados da cidade e dez do Pireu [...], mas trinta formavam a mais alta autoridade política, com poderes ilimitados. Desses, alguns eram meus parentes e conhecidos e, naturalmente, convidaram-me imediatamente a participar de sua administração, como se eu estivesse pronto para me ocupar desses assuntos."

"Isso não me causou nenhum espanto, porque eu era jovem e imaginava que com certeza eles iam administrar a cidade de modo a conduzi-la de uma vida injusta a uma condição justa; e passei a prestar bastante atenção no que eles faziam. E eis que eu

veja, em pouco tempo, esses homens fazerem a constituição anterior parecer uma Idade de Ouro."

"Dentre outras coisas, eles tentaram obrigar meu já idoso amigo Sócrates —a quem eu não hesitaria em chamar de o homem mais justo daquela época— a ir com outros prender e trazer à força um cidadão para que este fosse executado. Seu objetivo, era envolver Sócrates, quisesse ele ou não, em suas ações políticas (ton pragmaton); Sócrates, entretanto, recusou-se a obedecer, e preferiu correr o risco de sofrer a pior das penalidades a ter que participar de seus atos infames. Foi então que, considerando esses fatos, e outros do mesmo gênero que não eram menos graves, fiquei revoltado e me afastei dos crimes que estavam sendo cometidos."

"Não muito tempo depois, caíram os Trinta, e com eles a constituição de então. E eis que novamente, mas com menos intensidade, me veio o desejo de participar da vida pública. A situação não havia ainda se estabilizado, e, mesmo com o novo governo, muitas coisas deploráveis ainda estavam acontecendo. Não é surpreendente que em épocas de tumulto os homens se aproveitem para vingar-se violentamente de seus inimigos, embora os exilados, que agora retornavam ao poder, se comportassem, de um modo geral, com muita moderação."

"Apesar disso, não sei por que infortúnio, este Sócrates, nosso companheiro, foi convocado, por alguns homens do poder, a comparecer diante de um tribunal para responder à mais ímpia das acusações, e a que menos lhe convinha. Uns o acusaram de impiedade contra os deuses da cidade e outros o julgaram culpado e condenaram à morte e executaram o homem que outrora, quando eram eles mesmos que estavam banidos, se recusara a participar da prisão criminosa de um de seus amigos."

"A mim, que observava tudo isso e considerava que tipo de homens administrava as coisas políticas (ta politika) e as leis e os costumes, parecia ser tanto mais difícil administrar corretamente as coisas públicas (ta koina) quanto mais atentamente eu observava e mais velho me tornava."

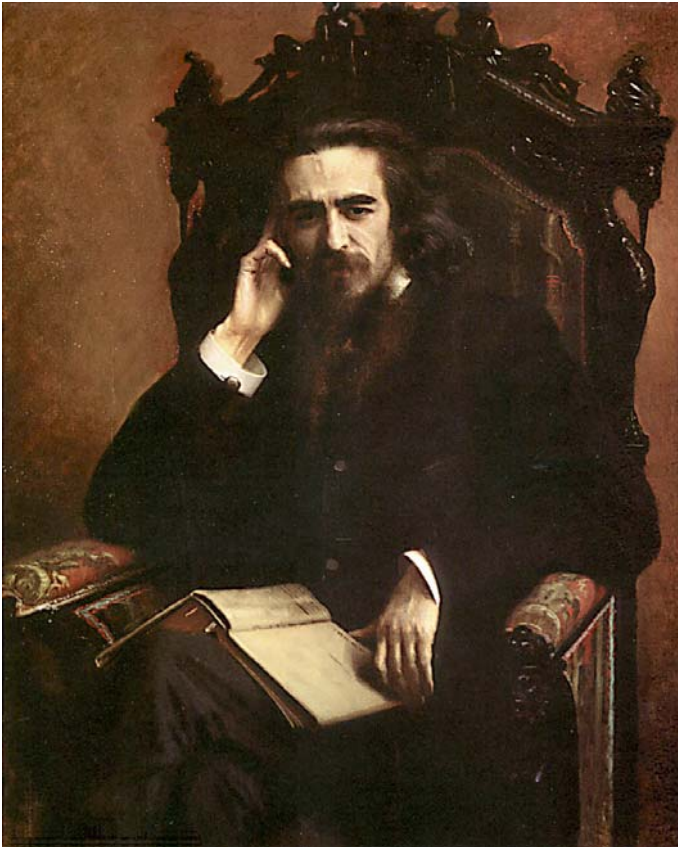
"Nada podia ser feito sem amigos e associados leais, e homens assim eu não encontraria com facilidade nem entre os meus conhecidos, pois a nossa cidade não vivia mais de acordo com os costumes e os princípios dos nossos antepassados, e era igualmente difícil fazer novos amigos sem grandes dificuldades. Além disso, a corrupção nas leis escritas e nos costumes se intensificou assustadoramente. De modo que eu, que inicialmente senti um desejo ardente de participar da vida pública, estava agora tonto vendo tudo desintegrar-se à minha volta".

"E embora eu não conseguisse parar de pensar num meio que pudesse trazer uma melhora para essa situação e para a política em geral, continuei observando, aguardando o momento oportuno para a ação, até que, finalmente, compreendi, com relação a todas as cidades existentes, que não havia uma única que fosse bem governada. Pois tudo o que nelas diz respeito às leis encontra-se num estado praticamente incurável, a menos que uma ação miraculosa seja acompanhada de boa sorte. E eu fui necessariamente levado a acreditar, num elogio à verdadeira filosofia, que somente ela pode capacitar os homens a discernir o que é a justiça nas cidades e nas vidas dos indivíduos."

"As gerações humanas, portanto, não verão o fim de seus males, até que a classe dos verdadeiros filósofos atinja o poder político, ou que os políticos, por uma graça divina, se tornem verdadeiros filósofos."

2. A FILOSOFIA COMO VISÃO DE MUNDO

A filosofia como visão de mundo está muito ligada à anterior, pois tem também um sentido prático. Contudo, é mais abrangente, mais geral, incluindo uma concepção mais ampla de realidade em seus aspectos cognitivos, políticos, estéticos, ou seja, uma visão mais integrada das várias questões sobre a realidade, podendo inclusive servir de base para a tomada de decisões práticas.



Retrato do Filósofo e Poeta Vladimir Solovyov (1885, St. Petersburg, *The Russian Museum*)

A filosofia como visão de mundo tem um modo global de conceber a realidade. Os filósofos comprometidos com esse tipo de filosofia interpretam o mundo a partir de certos pressupostos que uma vez adotados determinam globalmente seu modo de ver. Tais filosofias por terem, de um modo geral, objetivos práticos se ligam naturalmente ao tipo (1), mas, pelo fato de se organizarem em torno de um elemento básico a partir do qual se torna clara sua compreensão das coisas, tendem a se assemelhar às filosofias do tipo (4).

Para bem compreendermos o significado desse tipo de filosofia, é necessário que entendamos “visão de mundo” conforme o sentido da palavra que lhe deu origem: *Weltanschauung*.

Weltanschauung é uma palavra alemã que significa literalmente *visão de mundo* ou *cosmovisão*, mas que foi regularmente adotada em diversas línguas para se referir a um tipo de filosofia cuja visão é compreensiva a partir de certos pontos de partida. A palavra pode ser usada também para descrever o modo como um determinado indivíduo concebe o mundo, ou ainda no sentido de “ideologia”.

As *visões de mundo* funcionam como a famosa frase de Arquimedes: “*Dêem-me uma alavanca e um ponto de apoio e eu moverei o mundo*” e elas de fato são, pelo menos aparentemente, “geniais”.

Embora não sendo um filósofo, o nome de Sigmund Freud pode ser lembrado para ilustrar esse modo de conceber, pois, a partir da noção de “inconsciente”, a psicanálise interpreta toda a realidade humana nas suas mais diversas formas de expressão: a religião, a arte, a ciência, as relações sociais, etc.

Outro exemplo de “visão de mundo” encontra-se na filosofia de Karl Marx, um dos mais importantes filósofos do século XIX. O marxismo, avalia e explica diversos domínios da realidade humana, a partir do *modo de produção* de uma sociedade. O estágio de desenvolvimento das técnicas e das condições de produção, as *forças produtivas*, explica as relações de produção estabelecidas e as formas de *divisão de classes* sociais. As relações de produção no regime feudal, por exemplo, se explicam pelas relações entre o senhor e o escravo; no capitalismo os proprietários dos meios de produção e os trabalhadores assalariados. É a partir das forças produtivas e das relações de produção adotadas por uma sociedade que o marxismo avalia suas instituições sociais: jurídicas, familiares, políticas etc.

O marxismo teve grande importância política na Europa e no mundo, sobretudo enquanto crítica aos modos de produção do capitalismo.



Soldados bolcheviques nas ruas de Moscou, durante a Revolução Russa de 1917, movimento que determinaria a divisão do mundo em dois blocos antagônicos: capitalistas versus comunistas e que duraria mais de setenta anos.

O pensamento revolucionário de Marx foi aplicado em diversos países. Juntamente com Friedrich Engels, Marx escreveu o *Manifesto Comunista*, que deu origem ao processo revolucionário russo, no século XX. Tanto Marx quanto Engels consideravam o capitalismo um sistema injusto que gera pobreza e desigualdades sociais graças à exploração do capital sobre a força de trabalho do operariado (ou proletariado).

As filosofias “visões de mundo” foram muito criticadas pelo filósofo alemão, fundador da fenomenologia, Edmund Husserl. Em seu ensaio, “A Filosofia como Ciência Rigorosa”, ele afirma que a filosofia deveria ter como ideal a ciência no sentido mais rigoroso de ciência. E Husserl dedicou décadas de sua vida à meditação, com o objetivo de provocar uma “viragem da filosofia” que “convertesse em realidade o começo radical iniciado pelos gregos de uma filosofia” capaz de “se apresentar como ciência.” Uma ciência universal e apoditicamente fundada, a “terra firme da filosofia”, como Husserl costumava chamá-la, que tornasse possível o desenvolvimento de uma autonomia pessoal e abrangente para a humanidade, essa era a única solução para a crise existencial que Husserl diagnosticou no homem ocidental.

Embora Husserl tenha influenciado grandes filósofos do século XX, tais como por exemplo, Martin Heidegger, e os franceses Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, Michel Henry e Jacques Derrida, seu ideal de filosofia como ciência jamais vingou nas filosofias posteriores. Ao contrário, as filosofias afastaram-se radicalmente da ciência e tornaram-se cada vez mais “visões de mundo”.

3. A FILOSOFIA COMO ATITUDE CRÍTICA E QUESTIONADORA

A filosofia como atitude crítica e questionadora atribui à filosofia um papel essencialmente questionador, ou seja, de colocar em questão nossas opiniões e crenças habituais, perguntar sobre seu sentido e seu fundamento, problematizar o senso comum, buscar alternativas, não aceitar a primeira resposta dada, a solução aparentemente mais fácil e mais óbvia.



Sócrates e seus alunos. Ilustração de um manuscrito sírio do início do século XIII.

A atitude crítica já era um aspecto presente no pensamento dos primeiros filósofos. E essa atitude se dava não apenas em relação ao que era externo ao seu pensamento — por exemplo, o mito —, pois os filósofos das primeiras escolas filosóficas tinham opiniões discordantes acerca das mesmas questões. É parte da atividade da filosofia, desde a sua origem, o debate.

A aspiração à sabedoria, conforme a etimologia da palavra, fundamenta a atitude crítica: não sendo uma sabedoria, mas uma aspiração a ela, a filosofia se concebe como um tipo de ignorância que se reconhece ignorante, e que, embora possa supor a possibilidade do conhecimento absoluto, consistentemente realiza-se como uma mera busca.

Através dos diálogos de Platão conhecemos o primeiro grande filósofo crítico dos homens, da sociedade e de si mesmo: Sócrates. *“Só sei que nada sei”*, era seu refrão. Sócrates nunca escreveu nada; tudo o que dele sabemos é através de outros pensadores, em especial Platão, Xenofonte e Aristóteles. Sócrates andava pelas ruas interrogando os que estavam à sua volta. Seu método de perguntas e respostas reduzia o interrogado a um estado de perplexidade tal que o deixava paralisado e confuso. Por essa razão costumava-se dizer que as palavras de Sócrates eram como o veneno da torpília marinha.

PLATÃO, *MÊNON* 79E-80B:

"Ouvia dizer, Sócrates, antes mesmo de conhecer-te, que não fazias outra coisa senão ficar tu mesmo embaraçado e fazer os outros ficarem embaraçados; e agora, parece-me, estás me enfeitiçando, entorpecendo e literalmente encantando de tal modo que estou saturado de embaraços. E se me for permitido fazer alguma brincadeira, tu realmente pareces-me ser semelhante, tanto em aparência quanto em outros aspectos, àquela larga torpília marinha. Pois ela paralisa quem quer que dela se aproxime e toque, e parece que isso foi o que fizeste em mim agora; pois realmente estou paralisado tanto na alma quanto nos lábios, e não sei mais o que responder-te. E entretanto já discurssei sobre a virtude mil vezes e para muitas pessoas; e o fiz muito bem também, como me pareceu na época. Mas agora não posso sequer dizer o que ela é. Eu acho que é uma sábia decisão a tua a de nunca sair daqui e nem ficar ausente; pois se tu fizesses tais coisas em outra cidade onde és um estranho, possivelmente serias preso como bruxo."

O objetivo de Sócrates não é o efeito de paralisação produzido. Esse efeito não é provocado senão para obter um outro: mostrar ao interrogado sua ignorância, mostrar a quem pensa que sabe que na verdade nada sabe. Ao fazer com que o sujeito reconheça a própria ignorância, Sócrates pretende provocar nele um genuíno desejo do saber:

PLATÃO, *MÊNON* 84A-C:

"Estás notando, Mênon, o progresso que ele já fez na sua rememoração? Primeiro ele não sabia qual era a linha que pertence ao quadrado de oito pés, do mesmo modo que agora ainda não sabe. Mas antes pensava sabê-lo, e respondeu confiantemente como se de fato soubesse, e não pensava estar em embarço, enquanto agora, embora ele não saiba mais do que sabia antes, ele, pelo menos, se sente em embarço e não mais acredita saber. /Dizes a verdade./ E, então, não é verdade que ele agora se comporta melhor com relação às coisas que não sabia? /Acho que sim./ Fizemos a ele algum mal colocando-o em embarço e paralisando-o como faz a torpília? /Acho que não./ Pelo menos parece que o colocamos em posição mais provável para encontrar a maneira como as coisas são. Pois agora, sabendo que não sabe, sentirá mais prazer em buscar, enquanto antes facilmente diante de muitos e freqüentemente supunha falar coisas sensatas; acerca do dobro do quadrado, por exemplo, dizer que é necessário a linha ser dupla em longitude. /Parece que sim./ Pensas que ele antes tentaria buscar e compreender aquilo que pensava saber embora não soubesse, antes de ele, convencido de que não sabe, cair em aporia e desejar avidamente pelo saber? /Acho que não, Sócrates./ Então ele foi beneficiado por ser paralisado? /Acho que sim."

A filosofia de Platão, embora, em determinados momentos, tenha a pretensão de atingir a certeza, sob muitos mais aspectos se enquadra dentro desse perfil questionador. Primeiramente, ela não é uma filosofia afirmativa, suas teses não são apresentadas através de afirmações ou de conclusões definitivas; ao contrário, são apresentadas como hipóteses a serem examinadas e grande parte de sua obra termina em *aporia* (impasse). O exame se dá, além disso, dialogicamente, isto é, através de perguntas e respostas; de modo que tanto as perguntas quanto as respostas, apesar de escritas, guardem as propriedades da palavra viva e se distanciem ao máximo das terríveis propriedades da escrita.

Segundo Platão (*Fedro* 275a-276a), a escrita negligencia a memória e produz o esquecimento nas almas dos que aprendem; quando se tem o escrito guarda-se muito pouco na alma, *“pois recebendo uma grande quantidade de informação, sem instrução adequada, os que estão aprendendo acreditarão ser muito sábios, quando, na verdade, são, em grande parte, ignorantes e difíceis de se lidar, tendo-se tornado sábios em aparência, ao invés de sábios de verdade.”* A palavra viva, ao contrário, aquela que é animada pela presença humana, por suas entonações, pausas, flutuações de volume, expressões faciais, gesticulações etc., é uma espécie de escrita na alma.

A filosofia como atitude crítica e questionadora pode ser abordada também do ponto de vista da desconfiança. Alguns filósofos nos ensinam a suspeitar de tudo o que está à nossa volta, e isso envolve não apenas o plano moral, isto é, aquele onde formamos nossas opiniões, crenças, dogmas, desejos e ilusões, mas também o plano da realidade física.

Aqui, mais uma vez, podemos citar Platão como o primeiro exemplo óbvio de desconfiança da realidade. Segundo Platão, não devemos confiar em nossos sentidos, pois eles nos enganam. Não devemos observar o mundo através dos sentidos, pois estes irão produzir julgamentos que nem sempre corresponderão à realidade. Somente a razão pode nos dar clareza.

Observa-se essa desconfiança em inúmeras passagens de Platão. No *Político* (277d), ele compara o conhecimento do homem a um sonho: *“Cada um de nós é como um homem que vendo coisas em sonhos acredita conhecê-las perfeitamente, mas que ao acordar percebe que não conhece nada”*.

Em nenhum outro lugar entretanto como na famosa Alegoria da Caverna (no livro VII da *República*), Platão expressa sua desconfiança com relação ao mundo sensível. Na imagem de Platão, os seres humanos nascem e crescem nos subterrâneos de uma caverna escura e funda. Acorrentados pelos pés, mãos e pescoço, não podem se mover. Atrás deles, uma fogueira ilumina estátuas de homens e animais que são transportados sobre um muro. A voz dos carregadores ecoa dentro da caverna. De costas para a luz e de frente para uma parede, os prisioneiros vêem apenas as sombras dos que se movem atrás deles e atribuem a essas

sombras as vozes que ouvem e julgam que isso, que nada mais é do que uma projeção sobre a parede, seja a realidade.

Essa imagem serve para ilustrar nosso estado de ignorância com relação ao mundo em que vivemos. Ela mostra que o que supomos ser verdadeiro é mera ilusão e que um esforço deve ser dispendido para descobirmos a verdade (*aletheia*), pois na sequência do mito, o filósofo é aquele que se desata das correntes e sai da caverna em direção à luz.

Não é à toa que muitos conectam atualmente esse mito a um recente (1999) sucesso cinematográfico: Matrix. No filme, entretanto, não é Platão o filósofo aludido, mas René Descartes. *“Você nunca teve um sonho, Neo, que parecesse a você absolutamente real? E se você jamais conseguisse acordar desse sonho, como iria saber a diferença entre o mundo do sonho e o mundo real?”* —eis as palavras que o personagem Morpheus dirige ao herói do filme Neo, quando este descobre que o mundo não passa de uma simulação eletrônica, de uma imagem virtual criada por máquinas inteligentes para ocupar sua mente enquanto essas mesmas máquinas sugam seu corpo para obter a energia que ele cria.

E Morpheus vai mais além, quando Neo conclui que sua vida nada teve de real, pois embora a questão seja eminentemente filosófica, a resposta de Morpheus parece ser inspirada na fisiologia moderna: *“O que é real? Como você define “real”?”* —pergunta ele a Neo. E em seguida conclui: *“Se você está falando a respeito do que sente, do que cheira, do que pode provar ou ver, então real é apenas um conjunto de sinais elétricos interpretados pelo seu cérebro”*

O filme contudo parece referir-se não à filosofia de Platão mas à de Descartes, quando em suas *Meditações* não distingue a vida do sonho:

RENÉ DESCARTES (SÉCS. XVI-XVII)
MEDITAÇÕES. PRIMEIRA MEDITAÇÃO.

“Todavia devo aqui considerar que sou homem e, por conseguinte, que tenho o costume de dormir e de representar, em meus sonhos, as mesmas coisas, ou algumas vezes menos verossímeis, que esses insensatos em vigília. Quantas vezes ocorreu-me sonhar,

durante a noite, que estava neste lugar, que estava vestido, que estava junto ao fogo, embora estivesse inteiramente no dentro do meu leito? Parece-me agora que não é com os olhos adormecidos que contemplo este papel; que esta cabeça que eu mexo não está dormente; que é com desígnio e propósito deliberado que estendo esta mão e que a sinto: o que ocorre no sono não parece tão claro e tão distinto quanto tudo isso. Mas, pensando cuidadosamente nisso, lembro-me de ter sido muitas vezes enganado, quando dormia, por semelhantes ilusões. E, detendo-me nesse pensamento, vejo tão manifestamente que não há quaisquer indícios concludentes, nem marcas assaz certas por onde se possa distinguir nitidamente a vigília do sono, que me sinto inteiramente pasmado: e meu pasmo é tal que é quase capaz de me persuadir que estou dormindo.”

RENÉ DESCARTES *MEDITAÇÕES*. COGITO ERGO SUM.

“Suporei, pois, que há não um verdadeiro Deus, que é a soberana fonte da verdade, mas



certo gênio maligno, não menos ardiloso e enganador do que poderoso, que empregou toda a sua indústria em enganar-me. Pensarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as figuras, os sons e todas as coisas exteriores que vemos são apenas ilusões e enganos de que ele se serve para surpreender minha credulidade. (...) Permanecerei obstinadamente apegado a esse pensamento; e se, por esse meio, não está em meu poder chegar ao conhecimento

de qualquer verdade, ao menos está ao meu alcance suspender meu juízo. (...) Mas que sei eu, se não há nenhuma outra coisa diferente das que acabo de julgar incertas, da qual não se possa ter a menor dúvida? Não haverá algum Deus, ou alguma outra potência, que me ponha no espírito de tais pensamentos? Isso não é necessário; pois talvez seja eu capaz de produzi-los por mim mesmo. Eu então, pelo menos, não serei alguma coisa? Mas já neguei que tivesse qualquer sentido ou qualquer corpo. Hesito no entanto, pois que se segue daí? Serei de tal modo dependente do corpo e dos sentidos

que não possa existir sem eles? Mas eu me persuadir de que nada existia no mundo, que não havia nenhum céu, nenhuma terra, espíritos alguns, nem corpos alguns; não me persuadi também, portanto de que eu não existia? Certamente não, eu existia sem dúvida, se é que eu me persuadi, ou apenas pensei alguma coisa. Mas há algum, não sei qual, enganador, muito poderoso e muito ardiloso que emprega toda a sua indústria em enganar-me sempre. Não há pois dúvida alguma de que sou, se ele me engana; e, por mais que me engane, não poderá jamais fazer com que eu nada seja, enquanto eu pensar alguma coisa. De sorte que, após ter pensado bastante nisto e ter examinado cuidadosamente todas as coisas, cumpre enfim, concluir e ter por constante que esta proposição, eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira, todas as vezes que a enuncio ou que a concebo em meu espírito.”

4. A FILOSOFIA COMO SISTEMA DE PENSAMENTO

A filosofia como sistema de pensamento é próxima à filosofia como visão de mundo, mas tem um caráter mais sistemático, mais elaborado, visando desenvolver um saber sistemático, isto é integrar as várias questões da filosofia, da ciência dos vários tipos de saber em um todo articulado em que as várias respostas são vistas como diferentes aspectos do mesmo tipo de problema.

Pode-se dizer que sob vários aspectos a filosofia como sistema aproxima filosofia e ciência. A idéia de sistema consiste de uma concepção segundo a qual há uma relação entre as várias partes de um todo, que embora diferentes, se complementam e se integram, remetendo umas às outras.

Talvez a primeira concepção de filosofia como sistema se encontre em Aristóteles, cuja obra consiste de uma espécie de verdadeira enciclopédia do saber da época, indo desde as questões mais gerais sobre a natureza da realidade e de nosso conhecimento dela, que seriam tipicamente filosóficas, isto é, de caráter mais geral e abstrato, até questões sobre o conhecimento do mundo concreto.

Aristóteles escreveu muitos tratados de biologia (embora naquela época não se usasse ainda esse nome), analisou na *Poética* a tradição literária grega, tanto o teatro quanto a poesia, discutiu na *Política* as várias formas de governo e seus fundamentos, e se preocupou também

com questões metodológicas na Lógica. Mas, na concepção aristotélica, esses não são apenas vários tipos de conhecimento que se sucedem, mas formam parte de um todo, que é o sistema do saber, e se organizam de acordo com princípios gerais.

Aristóteles distingue três grandes áreas, o *saber teórico*, em que temos basicamente a ciência, os vários tipos de conhecimento; o *saber prático*, em que estabelecemos os princípios segundo os quais fazemos alguma coisa e tomamos decisões, incluindo a ética e a política; e o *saber produtivo*, segundo o qual o ser humano produz ou cria, tal como na poesia. Portanto, o sistema inclui todas essas partes, mas as divide segundo certos princípios.

Um dos mais importantes exemplos de filosofia como sistema encontra-se na Idade Média no pensamento de São Tomás de Aquino (1225-1274), em seu livro *Suma Teológica*. O livro foi composto entre 1266 e 1274, e inspirado na obra de Aristóteles. A idéia da “suma” consiste precisamente de uma síntese das grandes questões, no caso de São Tomás, filosóficas e teológicas. Parte da questão da existência de Deus e de como se pode prová-la pela razão, examina a criação do mundo por Deus e em seguida examina o mundo (discutindo, por exemplo, a causalidade), chegando até ao ser humano e sua natureza. Os temas da Suma estão portanto concatenados em uma visão sistemática, que parte das questões mais gerais e procura encadeá-las até chegar às mais específicas, discutindo em cada parte os principais argumentos a favor e contra as teses examinadas.

No período moderno (séc.XIX), o grande sistema da filosofia foi o de Hegel, que busca igualmente discutir as diferentes formas de saber humano, mas analisa também a sua formação em um processo histórico, busca entendê-lo como realização de um determinado objetivo, segundo o qual a consciência humana busca inicialmente conhecer o real, mas em seguida tenta encontrar outras formas de alcançá-lo, ou atingi-lo como a através da arte, procurando superar a separação entre a mente e a realidade que o conhecimento parece pressupor.

A grande inovação do sistema de Hegel em relação ao de Aristóteles, com quem partilha a preocupação de integrar diferentes formas de experiência humana, da ciência à arte e à política, consiste no fato de Hegel fazer uma análise histórica das várias etapas de formação da cultura humana, desde o surgimento com os Assírios e Babilônios, até o seu momento presente, a Europa do século XIX.

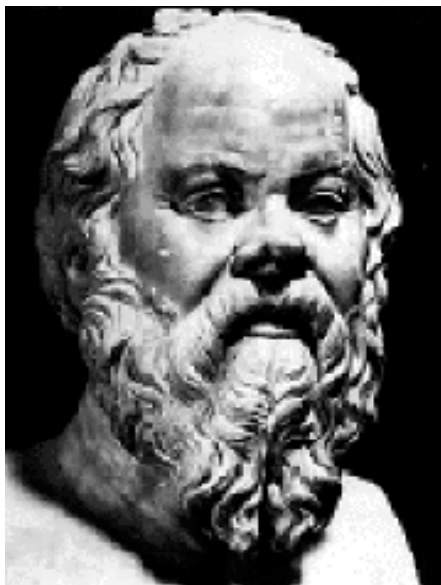
A partir de Hegel, a filosofia reconheceu a importância da análise histórica de sua formação, considerando cada etapa como etapa de um processo mais amplo, e discutindo as várias contribuições dessas etapas para a formação da tradição. Hegel aponta também para as crises e transformações que ocorrem ao longo dessa tradição, que em grande parte resulta de conflitos e rupturas em seus diferentes momentos.

5. A FILOSOFIA COMO BUSCA PELO AUTOCONHECIMENTO

A filosofia como busca do autoconhecimento está ligada a uma concepção cujo objetivo principal remonta às palavras do oráculo retomadas por Sócrates “Conhece-te a ti mesmo”, isto é, reflita sobre si mesmo, entenda suas preocupações, limitações, desejos, necessidades e, através dessa busca, chegue a um amadurecimento, a uma atitude mais reflexiva, mais equilibrada.

SÓCRATES:

CONHECE-TE A TI MESMO



A necessidade de situar o pensamento em relação à experiência de vida do indivíduo é uma exigência do próprio Descartes enquanto filósofo que em várias de suas obras, principalmente nas *Meditações* e no *Discurso do Método*, nos apresenta uma justificativa autobiográfica para as idéias que expõe, procurando explicar como e porque chegou a elas. Trata-se de algo inusitado na tradição filosófica, pelo menos com esta importância e centralidade, talvez com a exceção das *Cartas* de Platão e das *Confissões* de Santo Agostinho, principalmente pelo

sentido que Descartes dá a estes elementos biográficos que nos permitem como que refazer o percurso de seu pensamento. O sujeito pensante entra em cena, a autoridade da obra passa a ser dada não mais pela escola a que pertence ou pela tradição em que se encontra, mas pelo testemunho de seu autor, como um processo de reflexão e de autoconhecimento, que é para ele o ponto de partida do trabalho do filósofo.

Diz Descartes no *Discurso do Método* (1a.parte): “Terei a satisfação de mostrar neste discurso os caminhos que segui, e de apresentar minha vida como em um quadro”. É significativo que

Descartes escreva quase sempre na primeira pessoa do singular, em um estilo muito diverso do tratado clássico, abstrato e impessoal. E em seguida, acrescenta:

“Desde a infância nutri-me das letras, e, por me haver persuadido de que por meio delas se podia adquirir um conhecimento claro e seguro de tudo o que é útil à vida, sentia um imenso desejo de aprendê-las. Mas, logo que terminei todos esses anos de estudos (ao cabo dos quais se costuma ser recebido na classe dos doutos), mudei inteiramente de opinião. Achava-me com tantas dúvidas e indecisões, que me parecia não ter obtido outro proveito, ao procurar instruir-me, senão o de ter revelado cada vez mais a minha ignorância. E, no entanto, eu estudara numa das mais célebres escolas da Europa, onde pensava existir homens sábios se é que existiam em algum lugar da Terra.”

Examina portanto a sua formação e conclui que embora tenha recebido uma boa educação, isso foi insuficiente. Propõe então:

Eis a razão pela qual, tão logo a idade me permitiu sair da sujeição de meus preceptores, abandonei inteiramente o estudo das letras. E decidindo-me a não mais procurar outra ciência, além daquela que pudesse existir em mim próprio, ou então no grande livro do mundo, passei o resto de minha mocidade viajando [...] recolhendo diferentes experiências, testando a mim mesmo nas armadilhas que a sorte me proporcionava e, por toda a parte, fazendo uma tal reflexão sobre as coisas que se me apresentavam, para que pudesse tirar delas algum proveito. (1a.parte).

Este o sentido do subjetivismo de Descartes, a busca no indivíduo, no sujeito pensante, da fonte do conhecimento: *“Mas depois que, por alguns anos, apliquei-me a estudar no livro do mundo, e a procurar adquirir alguma experiência, tomei um dia a decisão de estudar também a mim próprio, e de empregar todas as forças de meu espírito na escolha dos caminhos que devia seguir”* (id. ibid.). O conhecimento da natureza, a *“leitura do livro do mundo”*, só pode ter valor se for precedido e acompanhado do autoconhecimento, da reflexão sobre o sujeito do conhecimento ele próprio.

Esse processo consiste em um exame de sua própria mente, como diz Descartes a um de seus interlocutores, o padre Bourdin (Resposta às Sétimas Objeções às Meditações Metafísicas):

“Se vós tivésseis um cesto de maçãs dentre as quais várias estivessem podres, contaminando assim as restantes, o que fazer senão esvaziá-lo todo e tomando cada maçã, uma a uma, recolocar as boas no cesto e jogar fora as más.”

A mente é como este cesto e devemos portanto esvaziar-nos de todos os nossos conhecimentos e crenças já que dentre eles há alguns que não são confiáveis, mas não sabemos quais até examiná-los todos. Vemos assim que a filosofia como autoconhecimento, nesta concepção de Descartes, se aproxima da atitude crítica e questionadora, consistindo mesmo no meio pelo qual se adquire essa atitude.

Uma outra filosofia do autoconhecimento é o Existencialismo. Chamamos existencialistas todas as filosofias que afirmam o “primado da existência” sobre a essência, isto é, que supõem que a existência precede a essência. O existencialismo nasceu com o filósofo dinamarquês Sören Kierkegaard (1813-1855), mas seu mais célebre representante foi o filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905-1980) e influenciado por ele o filósofo argeliano Albert Camus (1913-1960).